



02

Álvaro Andrade Garcia

A  
PALAVRA  
VIVA

a



Álvaro Andrade Garcia

**A  
PALAVRA  
VIVA**

POESIA ORBITAL 25 ANOS  
BELO HORIZONTE

## SINAIS DE VIDA

I

uma gaiola de ossos  
entre os braços

o sangue espesso  
no espaço oculto

onde o sol nutre  
humores

o corpo tenso  
entre bandagens de pele  
no tumulto dos músculos

a relva verde  
uma árvore vazada  
pelo leque de luz

a árvore amada  
a selva da alma  
outra vez

a força dos músculos  
os punhos do sangue

as batidas n'aorta  
estamos vivos  
ainda estamos

suspiramos a chama  
tragamos a chama  
e ainda assim duvidamos dela

||

as mãos dentro do corpo  
por vezes serenas e móveis

as mãos dentro do corpo  
por vezes ferozes e firmes

— como lâminas —

o sopro dos seres  
o hálito denso e matinal

corre pela relva  
entre gotas solares

o corpo se inventa de contentamento  
sobre cada osso empilhado  
um acórdão de sinais de vida



o vento envolve a casa  
e corre apressado  
entre ramagens e frestas

esmiúça ventarolas e rodapés

o corpo imóvel e morno  
estirado na cama

os pés fora do lençol

a janela de gotas  
opaca e doce

o vento percorre os caminhos  
como um enxame, sete bestas zoando

o mundo é um imenso cão de caça  
farejando cada quina, cada frincha

até nos encontrar

estamos vivos  
ainda estamos

suspiramos a chama  
tragamos a chama  
e ainda assim duvidamos dela

#### IV

a vida corrige os atos  
atravessa os enganos  
a vida atrás dos braços

os músculos da voz  
a vida ultrapassa a vida

não antes não depois  
nada mesmo por fazer

atravessar apenas  
— palmo a palmo —  
esse minúsculo sol  
onde há luz  
para todas as gotas

estamos vivos  
ainda estamos

suspiramos a chama  
tragamos a chama  
e ainda assim duvidamos dela

## A PALAVRA VIVA

a palavra lava o que agente mente  
a palavra mente onde agente sente  
a palavra cansa a palavra amansa  
a palavra passa o que agente pensa  
a palavra amassa

a palavra atrasa o que agente esquece  
a palavra aquece o que agente teima  
a palavra queima  
a palavra fogo que agente apaga

a palavra tralha que agente afasta  
a palavra gaga  
a palavra lavra  
a palavra ato

mato onde agente embrenha  
a palavra exata onde nada ata  
a palavra sacra

a palavra senha a palavra laca amarga  
doce luz  
assanha brilho soa



bela voa  
a palavra garça  
taça

a palavra que agente bebe  
a palavra tonta  
a palavra esquece

a palavra enterra o que agente troca  
a palavra cava  
a palavra cova  
afoga trama aplaina  
a palavra amaina

amanhece

a palavra espaço dia  
como brisa

computador  
todador  
com luíus  
e dilúvius  
botões cravos  
borrões amarelos  
  
e nós

## A IDEIA LAVADEIRA

a ideia vinha  
e partia  
solitária  
marmota  
ideia feito trouxa  
desarrumada  
idéia complicada  
conveniada  
com o silêncio

\*

tudo se troca  
nada se toca

oi como vai  
até logo  
já foi

## ESCULPINDO O DESEJO

traga-te o abismo  
onde se talha, se despedaça  
rompe a matéria do sol

ainda que rochas  
onde se para  
entre pontes

fortaleça até a trinca  
as rachas da fortaleza

o desejo alarga onde se dói

## ARREPENDIMENTO

as pendências à ré  
as prensas as garras  
que não só destroçam  
mas aflagam as graças  
que me vêm só

a morte um punhal de costas  
a sorte um avesso  
o passo uma dança  
hesitante e travessa

o morto a morte  
ela mesma um feto  
feito de fatos  
e maltratos

## A COISA NERVOSA

essa coisa pé  
que não larga da gente  
essa coisa pó que coça

essa coisa incômodo feita do nó  
do pó de mico do pó da coca

essa coisa ôca  
que anda sempre de ré

essa coisa nervosa  
que estipula os dias de calor  
faz zoarem bigornas e buzinas  
os nervos automóveis

as ruínas, os ruídos por toda parte

tenho cinco dedos  
e mãos de guaraná tirano  
zinem os tímpanos  
as baquetas que não param

coço os cílios  
os vidros do meu cenário  
sou um canário reluzente  
lotado de pó

tenho cinco sentidos insanos  
e coceiras por toda parte

que gesto me trouxe essa régua  
essa medida toda nervosa  
da cabeça aos pés?



## DESOLAÇÃO

o bom peregrinou  
resta-nos aqui

uma época de ilhas e avôos  
desoladas cegonhas  
sem ninho e filhos para desejar

faltam-nos glórias glórias!

falta-nos tudo: do júbilo ao espanto  
do estouro ao suspiro!

## ANOTAÇÃO

o poema nem sempre está  
quase nunca deve  
nem às vezes se espera

o ar não parece ocupar  
e a língua não é apenas falar

## TERRA BRASÍLIA

uma terra de bárbaros  
ao sul

uma *wasteland* II

a confluência de povos  
desgarrados

o resultado  
de um massacre

num amplo lugar

a terra de desterro  
e chacina

o marco geográfico  
da morte

e a fábula de uma ocupação  
amistosa

## MINAS BÓSNIA

o medo é o pior dos humores

é o resultado  
ou a guerra em curso

em minas bósnia  
tudo é ruína  
e nem mais construção

não sou criminoso  
mas vivo atrás de grades

e caminho amedrontado pelas ruas

como deixamos piorar este lugar?

habitado

pela falta de respeito  
pelas cicatrizes

em todo lugar  
não posso parar  
de ver

não suporto mais o cheiro  
a cara de posto de gasolina

não suporto mais  
as explosões

sem as bombas

em toda parte os sinais  
em toda parte a guerra

em toda parte a propaganda  
os outdoors

escondendo este lugar  
sem mar

e cheio de montanhas  
e buracos e pessoas amedrontadas

queimando a floresta  
ressentindo

em minas bósnia  
sou também um refugiado

indiferente insano

caminhando através  
do povo faminto

o povo dócil e violento

escravo dos impérios  
desde quando  
esta terra foi ocupada

uma guerra cruel em curso  
ou o resultado

nesses vales entre montanhas  
sou também um refugiado

## O Dicionário Privado

I

é nome  
minha primeira intenção

e quando fizeram-me Álvaro  
passei a pertencê-lo

e assim como todos os nomes  
que se tornam próprios

agora ele é meu  
com nuances e verbetes  
indispostos nos dicionários

II

é um sudário  
uma rachadura  
um fecho

meu nome é uma sutura  
nas paredes do tempo

não me grite, é vão  
não me evoque

meu nome é um santo  
esquecido e alongado  
na têmpera do tempo

é um serviço sacro  
em seu benefício

nele você se expia

e sabe o quanto se ama  
ou se destrói

III

porque

certa vez  
disse-me um  
grão

não é  
carma  
seu nome

é darma de alma  
é salmo da alma

seu nome



## ENTRETIDO

entre  
duas paredes  
gemelares  
de sebo  
de gota  
de glande  
tido  
concebido  
de boca  
grande  
de mora  
turva  
concep  
cionado  
través de mãe  
viés de pai  
visto  
depois  
como ente  
valente  
garoto  
tido

entre tantos  
tido entre  
outros  
possíveis  
para ser  
exatamente  
o  
É

## FINADO

ao lado dele

mãos dadas  
e juntos

sua respiração  
trocou de marcha  
ficou mecânica

inspira...  
...expira  
e para

por longo  
tempo espero

algum movimento

um último suspiro

as mãos se desfazem  
o corpo perde a fluidez

não se movimentaria  
mais

## SAMSARA

ah meu deus  
ele se foi de nós

subiu seu fogo ao céu  
a cinza de volta a terra

sua matéria nutriu  
o ipê preferido

depois por um raio  
atingido

e pela mão do filho  
se plantou

naquela mesma terra  
um novo ipê

agora florido

depois...

# 1 OUTONO AO AVESSO

na grotta as vertentes  
secas

a ravina repleta  
de folhas rubras

os tons de marrom  
cobrem a galeria

no pasto  
o capim esturricado  
por toda parte

parece que tudo  
está morrendo

no sul da terra  
neste final de agosto

mas a natureza se sabe  
e antecipa sua renovação

espera a estação  
que chega com as águas

logo vem a chuva de brotos

o silêncio acaba

grilos e cigarras zunindo  
e sapos ali

'como el musquito en la piedra  
ay si, si, sí'

tanajuras esvoaçando

as aves gorjeiam  
trinados e brotos em toda parte

sementes se fazem intenção  
de flores e frutos

regenerar renascer e procriar

a palha e os gravetos  
sobem aos ninhos

a festa do final da seca

a primeira chuva caiu  
e o verão saiu do peito

a terra encharcada e humorosa  
está abençoada

*'Eu sou a dureza desses morros  
revestidos,  
enflorados,  
lascados a machado,  
lanhados, lacerados.  
Queimados pelo fogo  
Pastados.  
Calcinados  
e renascidos.'*

(Cora Coralina)

© copyright - Álvaro Andrade Garcia 2024

Coleção POESIA ORBITAL - 25 anos

Coordenação geral: Mário Alex Rosa

Produção editorial: Brenda Marques Pena,  
Flávia Craveiro e Vera Casa Nova

Projeto gráfico e capa: Glória Campos - Mangá

Imagem da capa: Glória Campos

Revisão: do autor.

Nossos agradecimentos aos organizadores da primeira edição da Poesia Orbital: Adriana Versiani, Ana Caetano, Camilo Lara, Carlos Augusto Novais, Emilia Mendes, José Pereira Júnior, Júlio Emílio Tentaterra, Luciana Tonelli, Luciano Cortez, Marcelo Dolabela, Maria José Bretas e Maysa Gomes Rodrigues.

Este projeto foi realizado com os recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte 2023. Multilinguagens - Modalidade Fundo.



## COLEÇÃO POESIA ORBITAL 25 ANOS

- 01 Alicia Maria João - *O limite do aquário*
- 02 Álvaro Andrade Garcia - *A palavra viva*
- 03 Ana Elisa Ribeiro - *Troca só de tamanho e cor*
- 04 Camilo Lara - *Na desordem das coisas*
- 05 Carlos Augusto Novais & Mário Alex Rosa - *XXV órbitas*
- 06 Carlos Barroso - *Para conquistar esse amor*
- 07 Carlos Versiani - *Espiral*
- 08 Flávia Craveiro & Dione - *Em direção ao Pacífico*
- 09 José Américo Miranda - *26 poesias fora de órbita*
- 10 Kiko Ferreira & Chico de Paula - *O revoar dos elefantes / Poemas para Orbitar*
- 11 Marcelo Dolabela - *Abaixo a carestia*
- 12 Marcus Vinicius de Faria - *Música no escuro*
- 13 Renato Negrão & Daniel Costa - *Contém acaso e Quacre*
- 14 Rogério Barbosa & Wagner Moreira - *As pequenas coisas / A solidão nas mãos*
- 08 Sônia Queiroz & Emília Mendes - *Teresas e Palavras-mor*
- 16 Sueli de Miranda & Ronaldo Zenha - *Cartas de amor e infinito Outras oferendas*
- 17 Sylvio Túlio Peixoto - *Interior poesia*
- 18 Teodoro Rennó Assunção - *Poemenos natalinos*
- 19 Toya Libânio - *A incredulidade de todos os sentidos*
- 20 Vera Casa Nova & Brenda Marques - *Nem mais nem menos*

A presente edição, com tiragem de 300 exemplares, foi composta por Mangá ilustração e design gráfico, em Morganite bold e Berlow semi condensed light, impressa na Formato editora, com papel Reciclato 240g. para capa e com papel Offset LD 120g. para miolo, em maio de 2024.

**Álvaro Andrade Garcia**, Belo Horizonte, 1961.  
É poeta e também escreve prosa, ensaios e roteiros. Tem 12 livros de poesia e 3 de prosa publicados. Diretor de audiovisual e multimídia, faz videopoemas e poesia digital para internet, aplicativos multimídia e videoinstalações interativas. Toda sua obra se encontra em [www.sitio.art.br](http://www.sitio.art.br) e [www.ciclope.art.br](http://www.ciclope.art.br).

# POESIA ORBITAL

A primeira edição da coleção Poesia Orbital nasceu no centenário de Belo Horizonte, em 1997. De lá para cá muitas coisas aconteceram e a cidade não para de se transformar, inclusive culturalmente.

Naquele momento, a coleção Poesia orbital reuniu 62 livros de 69 poetas, com uma enorme diversidade de “órbitas poéticas”. Para celebrar esse importante acontecimento, a coleção está de volta com 20 livros inéditos, com a participação de 28 poetas, com a marca Poesia Orbital 25 anos, por celebrar este tempo estendido, espiralar e anacrônico das poéticas.

A maioria dos poetas vem da primeira jornada, mas outros foram convidados e estão participando pela primeira vez do projeto. Assim, há livros com dois participantes, que compartilham desses dois momentos distintos da Poesia Orbital.

A coleção homenageia o poeta Marcelo Dolabela, idealizador desse projeto. Marcelo, além de um poeta de enorme diversidade nas criações, era um artista multimodal, que gostava de juntar os amigos para construir projetos, jornais, revistas, exposições, experimentos sonoros e performáticos.

Com esta coleção, acreditamos que a poesia continua habitando outras órbitas e chegando nos mais diferentes espaços da cidade, tendo o livro, em especial a poesia, como objeto de ocupação e resistência.

REALIZAÇÃO



INCENTIVO



CULTURA

**PREFEITURA  
BELO HORIZONTE**  
trabalho energia coração